

## VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Mariana Keren Tostes<sup>1</sup>  
Estela Aparecida Oliveira Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por finalidade, apresentar as causas das violências provenientes no âmbito escolar, tentando assim, achar respostas para que tanto professores, alunos e comunidade escolar, possam se resguardar e encontrar caminhos para lidar com essa situação. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa onde foram identificadas as seguintes categorizações: (I) tipos de violência, (II) definições, (III) a violência sobre o olhar do professor, (IV) a violência sobre o olhar do aluno, (V) prevenção, (VI) intervenção, (VII) currículo, (VIII) papel da escola, (VIV) papel da família, (X) papel da sociedade e (XI) consequências. Seguindo essa lógica das categorizações, ancorada na teorização de análise de conteúdo de Bardin (2011), foram encontrados alguns subsídios que irão auxiliar-nos nas tomadas de decisões e nas ações de enfrentamento frente a esse desafio que tanto docentes, alunos e toda a comunidade de modo geral enfrentam em seu dia a dia escolar. De modo que a escola possa voltar a ser um ambiente de aquisição de conhecimentos e de cultura de paz. Considera-se por meio da pesquisa realizada que, torna-se evidente a importância de ações da direção da escola, juntamente com professores e funcionários, na qual sejam pautadas uma abordagem ampla da prevenção da violência escolar, sustentado como objetivos gerais a construção da cidadania e uma educação para a democracia, auxiliando os alunos envolvidos a reconhecerem e solucionar situações de conflitos.

**Palavras chave:** Escola. Violência escolar. Causas da violência. Prevenção. Intervenção.

**Abstract** The purpose of this article is to present the causes of violence from the school context, thus trying to find answers so that teachers, students and the school community can protect themselves and find ways to deal with this situation. It is a qualitative research in which the following categorizations were identified: (I) types of violence, (II) definitions, (III) violence over the eyes of the teacher, (IV) violence over the eyes of the student, (V) prevention, (VI) intervention, (VII) curriculum, (VIII) role of the school, (VIV) role of the family, (X) role of society and (XI) consequences. Following this logic of categorizations, anchored in the content analysis theorization by Bardin (2011), some subsidies were found that will assist us in decision making and in coping actions in the face of this challenge that both teachers, students and the whole community in general they face in their day-to-day school. So that the school can again become an environment for the acquisition of knowledge and a culture of

---

<sup>1</sup> especificações

<sup>2</sup> Orientadora, e-mail: estela.ap.o.vieira@gmail.com

peace. It is considered through the research carried out that, it becomes evident the importance of actions of the school management, together with teachers and employees, which are guided by a broad approach to the prevention of school violence, supported as general objectives the construction of citizenship and education for democracy, helping the students involved to recognize and resolve conflict situations.

**Keywords:** School. School violence. Causes of violence. Prevention. Intervention.

## 1. Introdução

A Violência na escola é vista como um estranho retrocesso, constituindo-se em um fenômeno preocupante, dado que ela é, por definição, a ausência, a negação e a dificuldade do diálogo, sendo isso algo que deveria permanecer fora dela e não dentro. Sabemos que a escola está passando por um momento difícil, pois muito tem se falado da violência em suas dependências. Comunidade, alunos e principalmente educadores, enfrentam todos os dias a dura realidade de perceber que a escola, onde antes era um espaço de aquisição de conhecimentos, está caminhando para um verdadeiro cenário de guerra, onde a mídia de certa forma exerce uma grande influência (CHRISPINO Á.; CHRISPINO R., 2011).

Trata-se de um problema real, concreto, que se complica mais a cada dia, por isso é necessário buscar entender as causas do problema, formular novas políticas e propor ações concretas, visando solucioná-lo ou atenuá-lo. Segundo Cléo Fante (2005), as más relações entre escolares, não são fatos esporádicos do cotidiano escolar, uma vez que se apresentam no repertório comportamental de muitos alunos, transformando-se numa questão social extremamente preocupante. Porém, a atenção da sociedade, só se volta para o problema quando os meios de comunicação, de forma sensacionalista, divulgam as tragédias ocorridas nas escolas, gerando insegurança para a comunidade escolar, sem que suas verdadeiras causas sejam focadas.

Nos últimos anos, muitos foram os casos de violência que presenciamos através dos meios de comunicação, como o massacre de Realengo<sup>3</sup>, na Escola Municipal Tasso da Silveira no município do Rio de Janeiro, em abril de 2011, o qual ocasionou a morte de doze estudantes e deixou 22 feridos. E também o massacre na Escola Estadual Professor Raul Brasil<sup>4</sup> em Suzano- SP, em março de 2009, o qual ocasionou a morte de cinco estudantes e duas funcionárias da escola e também dos autores que logo em seguida tiraram a própria vida. Ambos os casos ocorreram da mesma maneira, mas as causas são incertas. Além do mais, todos os dias, professores e alunos são vítimas da violência, a escola deixou de ser um lugar seguro e de proteção, a insegurança e o medo começaram a fazer parte do cotidiano escolar, sorrisos que se transformaram em lágrimas e ódio escondido no olhar.

A escola não deve ser considerada culpada pelos problemas de violência que ocorrem dentro dela, visto que, do qual também é vítima. Ela deve ser responsabilizada, pelas respostas que dá a esse problema, quando omite, quando não busca soluções ou estratégias para tentar solucionar o problema, quando deixa de colocar em pauta um assunto assim de extrema relevância e quando fecha os olhos para o que está de fato acontecendo ao seu redor, deixando de priorizar a segurança e o bem estar de toda a comunidade escolar. Segundo Chrispino e Chrispino (2011) a criança muitas vezes reproduz aquilo que vê fora dos muros da escola, aquilo que presencia em casa ou em outros lugares onde esteja acostumada a frequentar, muitas vezes essas atitudes são realizadas como forma de defesa, como um pedido de socorro ou como um basta ao que ela já vem sofrendo, por essa razão não devemos culpar ninguém, pois mesmo quando promovem a violência, os próprios agressores são vítimas da mesma violência que praticam.

Ao falarmos de violência, não estamos nos referindo a apenas agressões físicas, mas também das pequenas incivildades que acontecem na escola, aos inúmeros tipos de acontecimentos, que envolvem não somente os alunos, mas

---

<sup>3</sup> Tragédia em Realengo. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>> Acesso em 07 de novembro de 2020.

<sup>4</sup> Mogi das Cruzes e Suzano. Dupla ataca escola, mata oito pessoas e se suicida. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-deixam-feridos-em-escola-de-suzano.ghtml>> Acesso em 07 de novembro de 2020.

também os professores em situações de desconforto ou constrangimento e que podem simplesmente, passar a criminalizar e estigmatizar padrões de comportamento comuns no ambiente escolar (FANTE, 2005). A escola não fica imune, visto que a violência que nela ocorre aparece estampada em todos os meios de comunicação, nesse contexto, mostra-se um lugar inseguro e marcado por variadas formas de violência, chegando até mesmo ao homicídio.

Ela tem sido palco de violência quando em seu ambiente se desenrolam conflitos entre seus membros e quando se torna também lugar de aprendizagem desses hábitos, quando não há projetos de intervenção e prevenção para inibir esses acontecimentos. Segundo a Organização das Nações Unidas, citada por Chrispino e Chrispino (2011), para se obter uma cultura de paz, é necessário um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida que sejam baseados, no respeito pleno pela vida, de forma a promover os direitos humanos e as liberdades fundamentais, oferecendo meios de estabelecer a paz entre pessoas, grupos e nações. E na escola, como podemos desenvolver ações de combate à violência? Para tentar responder a esta questão, realizamos uma revisão sistemática da literatura com o intuito de buscar entender melhor as causas da violência escolar. Então nos propomos inicialmente a diferenciar as manifestações de violência por meio de um mapeamento de suas manifestações expressas nos artigos selecionados.

## **2. Metodologia**

O presente projeto tem como base uma revisão sistemática de literatura, que visa buscar subsídios para entender melhor as causas da violência escolar. A revisão sistemática de literatura, será elaborada por meio de seleção de livros, arquivos, teses, dissertações, que estejam relacionadas ao tema, e que nos dê o suporte necessário para agregarmos conhecimentos à busca de caminhos possíveis para superar a violência na escola.

Para a realização deste trabalho, foi elaborado um protocolo de pesquisa (VIEIRA, 2021), e partindo do objetivo de entender melhor as causas da violência escolar elaboramos a seguinte questão norteadora: Como podemos desenvolver

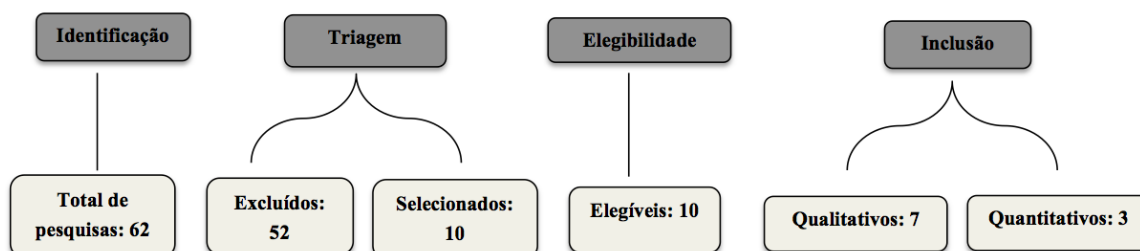
ações de prevenção à violência dentro das escolas? Os recursos e estratégias para busca e seleção de estudos, foram definidos e selecionados com base em seis itens: I) Fonte de busca através do Google Acadêmico, Portal Capes e Scielo; II) Idioma em português; III) Descritores: “violência escolar”, “causas”, “escolas públicas” e “adolescentes”; IV) operador booleano: AND; V) Data de publicação entre 2015 e 2020 no Portal Capes e 2019 a 2020 no Google Acadêmico e VI) Materiais: artigos e livros.

Com os critérios de seleção estabelecidos foi iniciada a busca, estabelecida de agosto a setembro de 2020. Foram encontrados:

- 22 documentos no Portal Capes, mas após uma busca mais refinada apenas 10 se tratavam realmente da temática da pesquisa, todos eles se tratavam de artigos acadêmicos.
- 120 trabalhos encontrados no Google acadêmico, sendo eles em grande parte artigos.

Em seguida os materiais foram selecionados a partir do título, resumo e tipo de literatura, e os o critério de inclusão artigos, teses, dissertações e TCC que tratam sobre a violência na escola e suas causas e como critério de exclusão, trabalhos que eram pagos, artigos repetidos ou que não eram condizentes com o assunto e outros tipos de produção, sendo selecionados 62 deles.

Imagem 1: Fluxo de seleção dos trabalhos



Fonte: Desenvolvido pelas autoras

Em uma revisão mais atenta, tendo por base a metodologia de pesquisa dos trabalhos levantados e sem contato entre os pesquisadores, dos 62 documentos

foram eliminados 30 documentos por corresponderem apenas parcialmente a temática proposta, uma vez que o protocolo propunha como critério de seleção ter a metodologia de pesquisa descrita com clareza e com métodos e parâmetros claro. Restando 32 a serem analisados em uma leitura mais completa e desses foram selecionados 10 trabalhos para compor a amostra desta pesquisa.

### 3. Resultados e discussão

Este artigo apresenta a análise de conteúdo como uma das técnicas de tratamento de dados em pesquisa qualitativa e está amparado na proposta de Bardin (2011). Segundo a autora, a análise de conteúdos é uma técnica metodológica na qual o pesquisador busca a compreensão das características, das estruturas ou dos modelos que perpassam os fragmentos analisados.

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Dessa maneira, o analista possui dois trabalhos importantes, o de compreender o sentido da comunicação, mas também se afastar daquele objeto de análise de modo a atribuir outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira. Essa análise constitui-se em três etapas, a saber: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação.

Diante disso, serão apresentados os resultados e as discussões acerca das percepções e concepções acerca da violência no espaço escolar, sistematizadas em onze grandes categorias, definidas após a leitura dos textos: (I) tipos de violência, (II) definições, (III) a violência sobre o olhar do professor, (IV) a violência sobre o olhar do aluno, (V) prevenção, (VI) intervenção, (VII) currículo, (VIII) papel da escola, (VIV) papel da família, (X) papel da sociedade e (XI) consequências. O olhar que cada pessoa possui a respeito dessa temática, foi bastante diferenciado, me levando a explorar um pouco mais de cada autor e de cada artigo no qual essa temática se

refere. Encontrar definições concretas e soluções plausíveis para eliminar ou amenizar a situação da violência em âmbito escolar é um tanto quanto desafiador, visto que muitas vezes estamos lidando com a forma de criação de cada ser humano, de crenças que muitas vezes são difíceis de serem desfeitas (DELL'AGLIO *et al.*, 2017, p.105).

Seguindo essa lógica das categorizações, ancorada na teorização de análise de conteúdo de Bardin (2011), foram encontrados alguns subsídios que irão auxiliar-nos nas tomadas de decisões e nas ações de enfrentamento frente a esse desafio que tanto docentes, alunos e toda a comunidade de modo geral enfrentam em seu dia a dia escolar. De modo que a escola possa voltar a ser um ambiente de aquisição de conhecimentos e de cultura de paz.

### 3.1. Definições de violência

A violência possui várias facetas e se apresenta com muitos nomes, sua definição varia de sociedade para sociedade, pois tem uma forte conotação social e cultural. Assim, sem querer simplificar em conceitos algo tão complexo, tentar definir violência escolar é algo muito aquém de querer explicá-la, mas é um primeiro passo para tentar entendê-la. Nos últimos anos a violência na escola vem sendo motivo de grande preocupação social, cresce a cada dia e assume um caráter sistemático. Ela provoca efeitos e grandes mudanças de comportamento e desenvolvimento não somente nos agressores, mas principalmente nas vítimas, que muitas vezes não sabem como reagir ou proceder diante de situações de comportamentos agressivos por parte de seus colegas (GIACOMOZZI *et al.*, 2020).

No estudo apresentado por (GIACOMOZZI *et al.*, 2020, p. 2), a violência é definida como o uso intencional da força, poder físico, de forma ameaçada ou real, despertando medo e incapacidade por parte de outrem, podendo ser contra si, contra o outro, ou até mesmo contra um grupo, ou contra a própria comunidade escolar. Acredita-se que o estudante muitas vezes desperta atos violentos devido ao que vivencia em seu meio, devido a sua criação, ou até mesmo devido às condições de vulnerabilidade em que vive, sendo ele, antes de se tornar agressor, a própria vítima.

Para Abramovay (2003 *apud* Dalcastagner; Nunes, 2020), além da violência expressa na força física, caracterizada por golpes, roubos, crimes, vandalismos e ferimentos, a violência pode se apresentar como psicológica no formato de humilhações, falta de respeito, grosserias e as relações de poder. O autor chama a atenção para o fato da necessidade de repensar a violência para além da força física, suas marcas são mais evidentes e imediatas, mas outros tipos de violência podem ser tão ou mais traumáticos e graves.

Sendo assim, a violência se apresenta na falta de limites e imposições. Para alguns é resultado de uma sociedade que possui respostas falhas e que na maioria das vezes usa a força no seu próprio processo de reestruturação social. Para outros autores a violência se justifica pela falta de conhecimento, de emancipação, pela não aceitação do eu e do outro, pela falta de confiança depositada em nós mesmos, em nossas capacidades, nos fazendo acreditar que ferindo o outro estaremos fortalecendo o nosso ego (DALCASTAGNER; NUNES, 2020).

### **3.2. Tipos de violência**

Ao analisar os tipos de violência que foram mencionados nos textos em questão, percebe-se que a violência escolar se coloca em evidência nos tipos de violência dispostos nos textos. Charlot (2002) conceitua três tipos de violência escolar, sendo elas a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola. Ristum (2010) refere-se à violência simbólica e os autores Debarbieux e Blaya (2002) ao Bullying. Faleiros (2008) aborda sobre a violência física e também sobre a violência psicológica. E Dell'Aglio *et al.* (2017) discute acerca da violência entre pares. A seguir tem-se uma discussão detalhada sobre as análises realizadas a respeito dos tipos de violência encontradas nos textos.

Os atos de violência podem estar associados ao modo de vida do aluno, às condições sociais em que ele se encontra, a grande influência que a mídia exerce sobre esses adolescentes e sobre a forma como cada um consegue lidar com os desafios do cotidiano. Foi possível perceber durante a pesquisa que muitos autores acreditam que os jogos de videogame, principalmente os que se relacionam a atos violentos, possuem um grande poder influenciador sobre esses jovens, que muitas



vezes, sentem-se desafiados a praticarem as mesmas ações (GIACOMOZZI *et al.*, 2020, p. 6).

Mas, em contrapartida, a autora Alves (2004) citada por Retondar; Harris (2013), por meio de uma entrevista realizada com jovens jogadores, considerou que os jogos representam uma espécie de válvula de escape, pela qual podem extravasar sua agressividade. Não chegam a ser um estímulo à violência. Os seres humanos são naturalmente violentos e os jogos são uma forma de liberar essa agressividade de maneira prazerosa.

No que tange ao espaço escolar, Charlot (2002) conceitua três tipos de violência, a saber: a violência na escola, nos quais motivos advém de fora da escola, mas o ato se concretiza em seu interior; a violência à escola, onde o ato é praticado contra a instituição escolar, atingindo o espaço físico e aos funcionários, como por exemplo, depredação do patrimônio, insultos, agressões físicas; e por último a violência da escola: trata-se da violência simbólica da escola, sendo tal especificidade de violência transparente em seus atos, na qual o sujeito não percebe que está sendo violentado, ocasionada em muitos casos pelos seus agentes, como, por exemplo, chantagem dos professores aos estudantes, imposição de normas, atos verbais, atos omissos, violências psicológicas (CHARLOT, 2002).

Outro tipo de violência que se encontra no contexto escolar é o bullying, sendo este classificado como um abuso de poder sistemático, que possui como definição o desejo deliberado e consciente de humilhar, maltratar e colocar determinada pessoa sob tensão. Observa-se que a característica mais comum desse tipo de violência são os xingamentos, seguidos por gestos ofensivos, exclusão de uma criança de um grupo de amizades, agressões físicas e extorsão (DEBARBIEUX; BLAYA, 2002).

Ganha também destaque nas pesquisas a violência entre pares, que ocorre de forma verbal ou física, nos quais algumas vezes há o uso de armas brancas, como tesouras e estiletes. Alguns desses atos violentos não se materializam em ações físicas, mas resultam em xingamentos e exclusão, que muitas vezes tem suas origens no racismo, homofobia ou fenótipos, dito de outra maneira, em características que apontam diferenças, o não respeito a diversidade, as particularidades. A vitimização psicológica, ou melhor dizendo, o *bullying*, está entre os fatores mais relevantes das

causas desses atos agressivos, acometendo muitas vezes a integridade do estudante, a sua moral e os seus princípios, somente quem já vivenciou algo parecido, sabe o quão constrangedor é ser vítima de ataques e de brincadeiras de mau gosto (DELL'AGLIO *et al.*, 2017, p.106).

Outro elemento que aparece nos textos é a violência praticada contra o docente. Essa é algo que além de ser frequente, desperta preocupação e inquietação, visto que muitas vezes os professores se encontram mais vulneráveis que os próprios estudantes, estando de mãos atadas diante de uma situação na qual o algoz é menor e vulnerável. Muitos deles se sentem desmotivados e relatam a dificuldade de lecionar em um ambiente agressivo. Esta situação acaba por se configurar em um caso de *burnout* e por questões psicológicas e de saúde professores abandonam a carreira, procurando ajuda através de tratamentos e terapias, tentando recuperar sua dignidade (DELL'AGLIO *et al.*, 2017, p.106).

A violência simbólica é utilizada como forma de dominação, inclusive pelos professores, posto que os símbolos são instrumentos estruturados e estruturantes de conhecimento. Mas também os professores estão sujeitos a essa violência, ao ter que cumprir prazos, programas, preencher formulários, cadernetas etc., ou seja, atender às determinações vindas de cima, sem que o professor tenha participação na sua elaboração. Assim, nas nossas instituições escolares, percebe-se o professor com um duplo papel: de um lado, como representante do poder, exerce o papel de dominador; de outro, o papel de dominado, submetendo-se a regulamentos e exigências burocraticamente estabelecidas, em que os aspectos organizacionais administrativos se sobrepõem à pedagogia (RISTUM, 2010, p. 74).

Mas de todos os tipos de violência da qual o aluno está exposto, a violência extramuros, é uma das mais preocupantes, pois é aquela na qual ele está exposto praticamente todo o tempo de sua vida e a que lhe causa maiores danos e sequelas, danos esses que muitas vezes são irreparáveis e causam estragos que nem o tempo pode consertar. A violência extramuros é aquela na qual o estudante convive diariamente, aquela na qual ele cresce e muitas vezes chega a pensar que é normal, que faz parte do seu desenvolvimento, mas não é. Segundo a pesquisa de Dell'Aglio *et al.*, (2017), a criança que cresce em um ambiente violento, tende a reproduzir essas

mesmas ações em seu dia a dia, porém que muitas vezes, escolhe como vítima, pessoas mais fragilizadas e vulneráveis. Alunos que crescem em ambientes onde a violência já se tornou uma coisa corriqueira, tendem a ter o comportamento e a aprendizagem afetados (DELL'AGLIO *et al.*, 2017, p.107).

Ao que diz respeito entre a relação professor-estudante, sabemos que o papel do professor é de suma importância dentro da escola, e é algo abrangente no qual há a necessidade de estar sempre atento às competências cognitivas, físicas e afetivas de seus alunos, mas há de se considerar também que a violência ocorrida entre esses atores, muitas vezes não é constatada e está diretamente ligada ao abuso de poder, aos abusos nos relacionamentos interpessoais, o que torna a convivência entre alunos e professores ainda mais conturbada e desafiadora. Desse modo, não podemos descartar as violências psicológicas e simbólicas que ocorrem contra os alunos, como também a vitimização dos professores que muitas vezes ocorrem de forma direta ou indireta (DELL'AGLIO *et al.*, 2017, p.104).

A violência pode ser manifestada de inúmeras formas, que vão desde agressões verbais e psicológicas, até as formas mais graves, como a agressão física. Todo tipo de agressão pode influenciar, direta ou indiretamente, a motivação profissional dos docentes em sala de aula.

### **3.3. A violência sobre o olhar do professor**

A percepção que o professor possui acerca da violência no contexto escolar, é que ela prejudica o desenvolvimento do educando. Já na visão dos gestores, a violência prejudica a escola como um todo, não somente ao que diz respeito ao desenvolvimento dos alunos, mas também ao que diz respeito ao funcionamento da instituição, ao psicológico do aluno e as condições de trabalho do professor (DALCASTAGNER; NUNES, 2020).

Segundo Silva (2010) citado por Dalcastagner e Nunes (2020), ao que diz respeito aos alunos, pressupõem-se que eles podem se sentir amedrontados e desmotivados a estudar, dificultando a aprendizagem significativa. Por isso, como estratégia para amenizar as violências no contexto escolar, professores e gestores

utilizam o estímulo ao diálogo, a escuta atenta, a empatia e a construção de vínculos afetivos e fortes no desenvolvimento de uma reflexão crítica.

Para os professores, configuram violência escolar, a falta de respeito por parte dos alunos quando lhes são cobrados alguma atividade, quando os mesmos se recusam a seguir as regras que lhes são impostas, as pequenas incivildades que configuram tudo o que vai contra às regras de uma boa convivência, as agressões verbais e físicas que sofrem durante sua atuação pedagógica e a desestruturação familiar, a responsabilidade dos pais por tudo que ocorre no ambiente escolar (FACCI, 2019, p. 137).

Os professores apontaram a violência contra eles mesmos como decorrência de uma desestrutura social e econômica, que gera desde a violência física até a violência simbólica. O aluno, proveniente de uma sociedade que o mantém em constante violência simbólica, negando-lhe direitos básicos, reproduz na escola aquilo que recebe da sociedade (MEINHART; SANTOS, 2020, p. 250).

Para os professores a desigualdade é a maior causa da violência escolar, também problemas familiares e a mídia. Eles enxergam a violência nas formas explícitas nos conflitos corporais dos alunos e nas baixas frequências. Além disso, as equipes de gestão acham que a indisciplina é resultado da dificuldade de aprendizagem dos alunos. O diálogo é o principal instrumento de combate a violência, mas é barrado pelas relações de poder, em razão de uma relação verticalizada (SILVA, 2019, p. 37).

### **3.4. A violência sobre o olhar dos estudantes**

De acordo com Dalcastagner e Nunes (2020), após entrevista realizada com alunos de duas escolas municipais de Brusque SC, apontaram que para os estudantes, configuram como violência, agressões verbais ou físicas, todo e qualquer constrangimento que deixa o aluno incomodado ou ridicularizado, a invasão do espaço do outro, seja físico ou virtual no qual gere algum tipo de desconforto. Os alunos entrevistados relataram que a frequência em que os colegas da escola zombam e humilham os demais é de 7,4%, e enfatizaram que muitas vezes também já se sentiram humilhados por provocações, nas quais, segundo eles, os motivos

eram com relação à aparência do seu rosto ou corpo. Quanto a isso, os autores Dalcastagner e Nunes (2020) apontam que

A violência não ameaça somente o processo de ensino aprendizagem, mas também a integridade psicológica e física de todos os que estão inseridos no contexto, ultrapassando os muros da escola. Há docentes amedrontados, desmotivados e estressados realizando suas práticas pedagógicas para educandos poucos interessados e indisciplinados. Além disso, os alunos que não são agressivos acabam se desinteressando e perdendo o prazer e o estímulo pelos estudos, decaindo muitas vezes seus rendimentos (DALCASTAGNER; NUNES, 2020, p. 443).

Os estudantes retratam a violência vivida através de situações nas quais envolvem vitimização psicológica, causada por xingamentos e exclusões e expressada através de apelidos. A não aceitação das diferenças, do fenótipo ou do comportamento dos demais alunos, a homofobia devido à orientação sexual, o preconceito, são motivos que geram maior impasse para essas violências.

### **3.5. Prevenção**

Segundo Silva (2010) citado por Dalcastagner e Nunes (2020), uma maneira de intervir e evitar consequências mais drásticas seriam: o estímulo ao diálogo, a escuta atenta, a construção de vínculos afetivos fortes, o desenvolvimento de uma reflexão crítica, o incentivo a participação familiar e escolar, a orientação para a responsabilização por si mesmos e pelos outros, a criação e a implementação de regras e o estabelecimento de limites bem definidos.

Lidar e entender o comportamento dos alunos não é uma tarefa muito fácil, principalmente quando esse comportamento está relacionado com atos de violência, com tudo, para Ribeiro (2018), não só as escolas, mas toda a sociedade precisam rever seus mecanismos de punição, de controle, que, muitas vezes, são ferramentas do exercício de poder praticado pelos grupos dominantes. As regras deveriam servir para a harmonia e o bem-estar da sociedade e não apenas objeto de sujeição. Ao citar Foucault (2006), Ribeiro (2018) menciona que os desafios ainda estão presentes quando se enxerga, ou não, os muitos olhos que vigiam, o controle constante dos

espaços e tempos, o caos nos presídios brasileiros, o suplício, a morte dentro e fora da escola nos tempos atuais.

### **3.6. Intervenção**

Lobato e Placco (2007 *apud* Facci, 2019) investigarem as formas de enfrentamento da violência e constataram que o diálogo foi a estratégia mais citada pelos professores; porém, no caso de agressão física grave, os professores encaminham os alunos para a direção da escola para que esta entre em contato com os pais ou responsáveis dos alunos. O Conselho Tutelar só é acionado quando o acontecimento extrapola a possibilidade de resolução na escola. Outra conclusão a que foi possível chegar é que dos professores que foram entrevistados durante a pesquisa, quinze afirmaram que a violência escolar cotidiana interfere na qualidade do seu trabalho, e todos acreditam que tal fenômeno interfere negativamente no aprendizado dos alunos.

Dalcastagner e Nunes (2020), mencionando O Diário Oficial da União de (2015) apontam que visando coibir a violência e as ações desencadeadas, no Brasil, em 2015, foi fundado o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, por meio da Lei nº 13.185 de 06 de novembro de 2015. Tendo como objetivo combater a prática de violências físicas, psicológicas, intimidações sistemáticas como o *bullying*, que são caracterizadas por humilhação ou discriminação, e a intimidação sistemática na rede mundial de computadores o *cyberbullying*, que é utilizado para adulterar fotos e dados pessoais, para depreciar, incitar a violência, com a intenção de criar meios de constrangimento psicossocial.

### **3.7. Currículo**

Uchôa (2019) aponta que o currículo escolar, ao ser compreendido como todo o fazer pedagógico, o que engloba teorias, práticas, procedimentos, metodologias, avaliação etc., concepção que ultrapassa aquela comumente presente nas instituições educativas, restrita à grade curricular, com seus respectivos conteúdos e objetivos, deve resultar de escolhas que apresentem respostas para esta

peculiaridade humana, que é a violência, redimensionando as atividades meramente de cunho intelectual, prática recorrente em muitas escolas, para ações que explorem a corporeidade, a criatividade e a sociabilidade.

Ainda segundo Uchôa (2019), o currículo escolar, nessa concepção, permite-nos pensar a diversidade e o diálogo entre aqueles que são diferentes, integrando os conteúdos culturais aos científicos, superando a fragmentação dos saberes e trabalhando com as culturas historicamente negadas. Nesse sentido, um currículo sob uma perspectiva de interculturalidade, ao proporcionar o diálogo entre os diferentes, reconhecer e empoderar as culturas negadas e inferiorizadas, constitui-se como uma ferramenta para a gestão da violência no contexto escolar.

Para Uchôa (2019), a educação cumpre seu papel quando, pelo currículo, dispõe de um ensino que foque na compreensão do ser humano integral e complexo, que é primitivo, psíquico, cultural e social, resultante da mútua interação corpo e cérebros: reptiliano, emocional e racional e que desvele as violências simbólicas comumente praticadas no contexto escolar, opondo-se a todas as práticas de negação da alteridade.

### **3.8. Papel da escola**

A escola é um lugar de aquisição de conhecimento, onde se busca os saberes necessários para a socialização do indivíduo, a fim de que o aluno possa desenvolver suas capacidades emocionais e intelectuais de forma a estar preparado para viver na sociedade contemporânea. Consiste em um espaço que predomina a amizade e o respeito, porém, muitas vezes a escola reflete as relações da violência de uma sociedade capitalista e o foco educacional torna-se distorcido, devido aos números alarmantes de casos que envolvem violência contra professores e também a violência entre alunos (MATOS; VIANA; GURGEL, 2012, p.3).

A violência escolar é um fato preocupante e tem afetado diretamente as relações sociais, prejudicando o processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, faz-se necessário que os profissionais da educação entendam como ocorrem as violências e o que as gerou, levando em consideração todos os aspectos e pessoas envolvidas. Segundo Ferro (2013) citado por Dalgastagner e Nunes (2020),

compreende-se que os atos de violência escolar não são apenas caracterizados por meio de agressões físicas ou aos bens materiais, mas também de uma violência simbólica exercida por meio de atos verbais, psicológicos, ou abuso de poder e violência institucional, que estas muitas vezes, são os atos mais prejudiciais para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Há também a violência da própria escola, quando o professor age de maneira desrespeitosa com os alunos, quando os culpam pelo fracasso escolar, fazendo falsos julgamentos devido as suas origens sociais e condições de vulnerabilidade.

Com tudo, para se obter respeito dos alunos, é necessário assumir uma postura diferente de autoritarismo, o professor precisa fazer com que o ensinar esteja associado ao processo de ensino aprendizagem, com a finalidade a apropriação do conhecimento pelo aluno, porém que muitas vezes os professores se sentem despreparados para lidarem com situações de violência na escola e acabam fazendo uso do poder, da intimidação e da autoridade para tentarem sanar essas situações. Porém, muitas das vezes, essa relação de poder, acaba sendo considerada pelos alunos como injustas ou racistas. É preciso que o professor tenha clareza do seu papel, da sua competência de modo que a sua autoridade dentro da escola seja alcançada e não imposta, de forma que os alunos percebam essa autoridade e a respeitem. Além do mais o professor precisa ter domínio da sua competência e da sua técnica e possua desejo em ensinar (MEINHART; SANTOS; 2020, p. 256).

### **3.9. Papel da família**

A família deve acompanhar e participar do processo educacional de seus filhos, visto que lidar com a violência escolar se tornou um desafio da atualidade, mas quando escola, família e sociedade resolvem caminhar juntas na busca por soluções que amenizem ou inibem essas situações de conflito, conseguem desenvolver com os alunos, um ambiente de respeito e cooperação. Fazendo com que a escola possa assim discutir e propor medidas que priorizem o respeito aos professores e uma convivência de harmonia dentro e fora dela. (MEINHART; SANTOS, 2020, p. 246).



Sabe-se que lidar com o problema da violência escolar é um desafio da atualidade; contudo, a escola pode atuar em conjunto com a família e sociedade, em busca de alternativas para lidar com as situações de conflito, desenvolvendo com seus alunos um ambiente cooperativo e de respeito.

O trabalho familiar diz respeito à moralização da criança, essa é a função primordial dos pais ou seus substitutos. A tarefa do professor, por sua vez, não é moralizar a criança. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, a recriação deste. O resto é efeito colateral, indireto, mediato (AQUINO, 1998, p. 8).

### **3.10. Papel da sociedade**

A sociedade exerce um papel fundamental na participação da comunidade escolar, auxiliando na divisão de responsabilidades, na escuta atenta de todos, ajudando a elaborar estratégias de forma a alcançarem êxito. Inclusive, segundo Dell'Aglio *et al.* (2017), a democratização da gestão da educação e das instituições educativas através da participação de toda a comunidade escolar foi prevista na Conferência Nacional de Educação e consta no Plano Nacional de Educação, visando a efetivação das políticas públicas de acesso e permanência de crianças e adolescentes nas escolas (DELL'AGLIO *et al.*, 2017, p.109).

### **3.11. Consequências**

Segundo Dalcastagner e Nunes (2020), as violências existentes no contexto escolar podem ser consequência de práticas dos escolares refletidas em preconceito, discriminação e crise de autoridade para a vida adulta, ou ainda devido à falta de ações democráticas realizadas dentro da Instituição educacional. Sendo assim, ao citarem Marriel (2006), mencionam que as escolas lidam com os atos de violência realizando ações informais e formais, sendo específicas para cada caso, conforme as singularidades de cada gestor escolar ou projeto político pedagógico. Sendo

fundamental o uso de mecanismos para minimizar os atos de violência, e não somente punir os envolvidos.

#### **4. Considerações Finais**

Toda violência é motivada por um conflito, que se dá através de opiniões divergentes ou por maneiras diferentes que as pessoas encontram de ver ou interpretar as coisas. Sendo assim, todos nós que vivemos em sociedade, vivenciamos a experiência do conflito, seja na infância, na adolescência e na vida adulta, sempre nos deparamos com situações conflituosas.

Uma abordagem a respeito da violência praticada na escola, e as possíveis causas pelas quais ela está sempre na questão central, ganhando espaço e repercussão na mídia, nos remete a uma questão central, de como os contextos sociais diferentes podem estar interferindo na dinâmica escolar, contribuindo para as ocorrências consideradas violentas, de outra forma, quanto a própria violência escolar, com suas particularidades, gera seus próprios conflitos, exclusão e violência.

Com tudo, torna-se evidente a importância de ações da direção da escola, juntamente com professores e funcionários, na qual sejam pautadas uma abordagem ampla da prevenção da violência escolar, sustentado como objetivos gerais a construção da cidadania e uma educação para a democracia, auxiliando os alunos envolvidos a reconhecerem e solucionar situações de conflitos. A melhoria da convivência escolar deve ser buscada a partir de diferentes iniciativas e atividades embasadas no respeito aos direitos e estímulo à participação, no desenvolvimento de valores como tolerância, solidariedade, justiça e reconhecimento da diversidade. Mas precisamos ressaltar que em termos de prevenção da violência nas instituições de ensino, ainda há muito o que ser pesquisado, pois se trata de um tema com muitos questionamentos.

## Referências bibliográficas

AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 4 ed. São Paulo: Summus, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, RS, n. 8, jul./dez. 2002.

CHRISPINO, A.; CHRISPINO, R. S. P. **Políticas educacionais de redução da violência**: mediação do conflito escolar. São Paulo. SP: Biruta, 2011.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

FALEIROS, V. D. P., & FALEIROS, E. S. Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. In **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes, 98, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. Campinas: Verus, 2005.

RETONDAR, Moebus José; HARRIS Elisabeth Rose Assumpção. **Jogos eletrônicos e violência**. Motrivivência Ano XXV, Nº 40, P. 183-191 Jun./2013.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (Org.). **Impactos da violência na escola**: refletindo com os professores sobre o enfrentamento da violência. Rio de Janeiro: FIOCRUZ-MEC, 2010. p. 95-119.

VIEIRA, E. A. O. Revisão sistemática. In: MARTINS, Ronei Ximenes (org.). **Metodologia de pesquisa**: orientações com ênfase na área de educação. Lavras: UFLA, 2021.

## Referência dos artigos selecionados para análise

DALCASTAGNER, G. B.; NUNES, C. da C. **Violências no contexto escolar**: percepções de alunos, professores e gestores. *Filosofia e Educação*, Campinas, SP, v. 11, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8654929>. Acesso em: 8 nov. 2020.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco, GIORDANI, Jaqueline Portella, SEFFNER, Fernando. **Violência escolar**: Percepções de alunos e professores de uma escola

pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 21, Número 1, Janeiro/Abril de 2017: 103-111.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. O adoecimento do professor frente à violência na escola. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. 2, p. 130-142, maio-ago. 2019.

GIACOMOZZI *et al.* **Levantamento sobre vivências de violência entre estudantes de escolas públicas.** *J Hum Growth Dev.* 2020; 30(2):179-187.

MATOS, F. A. S.; VIANA, S. S. A.; GURGEL, C. R. **A violência contra professores: saberes e práticas.** Campina Grande, 2012. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/766ebcd59621e305170616ba3d3dac32.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2020.

MEINHART, Daiane Beatriz. SANTOS, Eliane Gonçalves dos. **Violência escolar o desafio da atualidade:** implicações na prática profissional do professor. *Dialogia*, São Paulo, n. 34, p. 244-259, jan./abr. 2020.

RIBEIRO, Marli Dias. **Extrema violência na escola: a gestão, a comunidade e as possibilidades de superação.** *COMUNICOLOGIA*, Brasília, UCB, v.11, n.2, p. 88-102, jul./dez. 2018.

SILVA, Lidiane Maria da. **Violência escolar.** 2019. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

UCHÔA, Márcia Maria Rodrigues. A gestão da violência escolar. **Revista Metalinguagens**, v. 6, n. 1, pp. 27-39.